

## Alguns problemas da cultura brasileira

Leandro Konder\*

A cultura brasileira era, antes da chegada dos portugueses, o conjunto extremamente rico das culturas indígenas, que logo foram submetidas a um processo de depredação. A cultura dos recém-chegados não se abriu a um verdadeiro diálogo com as culturas dos nativos. A conquista foi extremamente violenta e a colonização se baseou em métodos brutais. No entanto, embora vitoriosa, a cultura dos portugueses foi forçada a se modificar em decorrência da situação em que se viram na nova terra, bem diferente da que existia em Portugal.

Os detentores do poder dependiam da Coroa, isto é, de um comando externo inquestionável. Mas as ordens que vinham de Lisboa, dadas por quem não conhecia a situação aqui, eram inexequíveis. Generalizou-se, então, em face das decisões comunicadas pela matriz, uma linha de conduta ambígua, que se explicitava na máxima: ordens devem ser sempre acatadas, porém nem sempre executadas.

Isso criou uma cultura na qual o Estado infundia medo (por ser repressor), mas não respeito (porque quem fosse esperto podia burlá-lo). A vida cultural – impregnada de relativismo, de imediatismo – consagrava

padrões excludentes, que se restringiam a uma ínfima minoria tratavam de reproduzir os padrões europeus. Uma maneira própria, peculiar, nossa, de perceber a nossa realidade só conseguiu começar a se desenvolver no interior de uma literatura inevitavelmente comprometida com a imitação de modelos metropolitanos. É o processo magistralmente analisado por Antonio Candido em seu estudo clássico *Formação da Literatura Brasileira*.

Mestre Antonio Candido sublinha dois momentos decisivos nesse movimento: o arcadismo, no século XVIII e o romantismo no século XIX. E chama atenção para o fato de que o processo abriu caminho para o aparecimento do gênio de Machado de Assis, como expressão da formação da literatura brasileira, como um “sistema”, como uma “totalidade”.

A nossa cultura e o sistema educacional aqui montado nasceram banhados na mais extrema violência. Desde os seus primeiros séculos, a vida cultural na sociedade colonial, com a convivência da educação, se viu rudemente marcada por desigualdades étnicas e raciais, quer dizer, pela imposição violenta de uma determinada corrente sobre as outras.

\* Filósofo e Professor da PUC-Rio. E-mail: lkonder@edu.puc-rio.br.



As contribuições indígenas e as contribuições negras foram sufocadas, reprimidas.

Alguns pesquisadores sustentam que cerca de 90% das línguas e dialetos falados pelos indígenas desapareceram sem deixar traço. Se considerarmos quantas experiências humanas acumuladas são necessárias pra formar um idioma, poderemos ter uma idéia da gravidade dessa perda irreversível para o nosso esforço de conhecermos melhor a diversidade da condição humana, para o nosso empenho no sentido de nos compreendermos melhor.

A intolerância etnocêntrica dos brancos, detentores do poder, mutilou e empurrou para a clandestinidade também as sabedorias densas e diferentes dos negros, dos iorubas, dos *gêges*, dos *bauçás*, dos angolas e dos *cabindas*. Cada uma dessas culturas tinha revelações importantes a nos fazer, mas suas vozes foram abafadas. As identidades daqueles que as encarnavam foram negadas.

Os mecanismos de exclusão ainda iam além dessa dupla discriminação e descartavam as contribuições dos brancos pobres, das numerosas expressões culturais dos de “baixo”. Estruturada em torno de uma autodenominada “elite” – extremamente minguada – a sociedade foi orientada no sentido de acolher e imitar padrões culturais que, em princípio, deveriam legitimar os estreitos círculos privilegiados aos olhos da Europa de onde provinham.

As conseqüências foram muito deploráveis. Na medida em que não eram aceitas as diferenças culturais da fecunda cultura

européia deixou de se enriquecer aqui, dialogicamente, tanto quanto poderia.

A riqueza (a universalidade) de uma cultura nacional e a eficácia humanizadora da educação dependem de numerosos fatores, entre os quais está o aproveitamento da diversidade interna das expressões culturais dos grupos que integram a sociedade. Um dos fatores mais decisivos, com certeza, está na capacidade da cultura nacional assimilar as experiências humanas que lhe chegam, de dentro ou de fora, através dos mais diversos caminhos.

É sintomático que o maior escritor brasileiro do passado seja um cético. Machado de Assis, na observação de Roberto Schwarz<sup>1</sup> (que desbravou o caminho aberto por Antonio Candido), conseguiu perceber e representar as contradições da nossa sociedade e da nossa cultura porque era tão cético que não acreditava muito sequer em sua própria ideologia.

Os intelectuais brasileiros da época do Segundo Império eram necessariamente receptivos à ideologia do liberalismo, que brilhava na Europa, em parte aclarando e em parte ofuscando a realidade histórica de países industrializados, porém eram necessariamente levados a combiná-la com o convívio cotidiano com uma realidade muito diversa, marcada pela escravidão. A força de Machado de Assis estava no fato de que ele, sem se opor ao ideário liberal, não o levava muito a sério. De fato, se o liberalismo era um conhecimento distorcido em sua terra de origem, aqui ele era, como diz Schwarz, uma distorção: uma visão bastante suavizada de contradições sociais gritantes.



No século XX, podem ser constatadas algumas mudanças importantes e também elementos de uma continuidade que não deve ser ignorada. A população cresceu muito, o perfil demográfico se alterou, passou a haver mais gente nas cidades do que no campo. A economia cresceu. O mercado interno se expandiu. Os costumes se modificaram. Mas, como escreveu Sérgio Buarque de Holanda em seu estudo *Raízes do Brasil*, as transformações na sociedade brasileira, quando se tornam necessárias, são feitas de “cima” para “baixo”, sem efetiva participação popular, para ficarem reduzidas a dimensões que não acarretem o risco de modificações profundas.

Meu amigo, o historiador Ilmar Rohloff de Mattos,<sup>2</sup> no livro *O Tempo Saquarema*, analisou a formação do Estado brasileiro ao longo do século XIX, sobretudo durante o Segundo Império, e mostrou como os conservadores conseguiram imprimir às mudanças sociais tornadas imprescindíveis (e sempre realizadas sob a hegemonia das classes dominantes) um ritmo lento, seguro e gradual, que serviu para preservar a força da continuidade e limitar ou mesmo evitar rupturas.

A indústria cultural prosperou vertiginosamente e envolveu um amplíssimo público consumidor. Vieram os cinemas, o rádio, os aparelhos de som, a televisão, os computadores. As escolas públicas se multiplicaram, passaram por um processo de valorização e, em seguida, passaram a sofrer um processo de sucateamento.

Alterou-se a própria relação da maioria da população com a arte.

Novas modas surgiram e se foram, sem deixar traços significativos. A desqualificação do trabalho, que se expressa pela baixa remuneração, facilitou o crescimento da jogatina: cada vez tem mais gente jogando no bicho, na quina, na sena, na loteca, no bingo, nos cavalos, no carteadado. Os hábitos, as fantasias, os desejos se modificam. Essas alterações, contudo, não se ligam a transformações aprofundadas na estrutura da sociedade.

Isso é facilmente perceptível no plano da estética. Até recentemente, as grandes obras de arte exigiam dos que se aproximavam delas que enfrentassem o desafio de digerir, laboriosamente, experiências humanas ricas e densas. Essa exigência agora vem sendo questionada. Apesar da resistência de algumas pessoas, vem prevalecendo a concepção de que a produção artística é uma produção de mercadorias semelhantes a quaisquer outras.

A perseguição ao lucro imediato tende a se impor aos produtores, em geral; e esse fenômeno, de certo modo, reedita o “espírito imediato” que imperava na época colonial, quando eram desprezadas quaisquer preocupações estratégicas relativas ao futuro, porque só contavam as vantagens imediatas.

Vultuosos investimentos são feitos para, fazendo-lhes concessões, manipular os consumidores. Um bombardeio de *marketing* e chuva forte de *merchandising* induzem os indivíduos a se acreditarem muito diferentes uns dos outros e, no entanto, levam-nos muitas vezes a se tornarem extremamente parecidos, até em



seus sonhos, em suas fantasias. Até em seus desejos. Os homens desejam as mesmas mulheres, cujas imagens são exibidas pela TV, pelo cinema, pela publicidade (e que eles não vêem pessoalmente). E as mulheres desejam os mesmos homens, que elas também não conseguem muitas vezes ver pessoalmente (os Brad Pitt, os Tom Cruise, os Keanu Reeves).

Com o ritmo acelerado de suas imagens, a TV desenvolveu uma linguagem notavelmente poderosa e atualmente se tornou o centro da vida cultural da esmagadora maioria do nosso povo.

Devemos reconhecer que a TV nos proporciona, em alguns momentos, boa informação, diversão de qualidade, alguns ótimos filmes, eficiente divulgação artística e científica, trabalhos sérios. Na programação mais frequente das emissoras de maior sucesso, entretanto, ela tem sido fértil em shows sensacionalistas de violência, espetáculos de grossura e burrice, amenidades inócuas, informações truncadas ou sentimentalismo derramado. E difunde no telespectador passivo o hábito (ou o vício?) de consumir acriticamente produtos culturais pré-digeridos.

Há, evidentemente, reações contra esse quadro. Todos os dias podem ser detectados indícios de que o espírito crítico e a criatividade não morreram. A cultura brasileira vem dando mostras de vitalidade, nas idéias, nos sons, nas imagens. Temos tido belos filmes, músicas maravilhosas, livros excelentes, magnífica arquitetura, talentos múltiplos nas mais diversas áreas. Temos expressões magníficas na nossa arte popular.

Poderíamos fazer um balanço muito animador dessa resistência, desses sinais de que poderemos vir a fazer uma história diferente.

Os objetivos dessas impressões fragmentárias, contudo, é o de sublinhar os males da continuidade perversa que tem caracterizado a história da nossa sociedade e da nossa cultura o longo dos últimos séculos. É impossível não enxergarmos a persistência, no interior de todas as mudanças, das colossais desigualdades sócio-econômicas, das exclusões e marginalizações. É impossível não percebermos a permanência de uma forte rejeição à legitimação das diferenças, bem como a inviabilização do aumento significativo da participação democrática de todos os setores da sociedade nas decisões políticas e na vida cultural.

A ideologia dominante – que, como dizia o velho Marx, é sempre a ideologia das classes dominantes – tem sido muito eficiente ao vencer muita gente de que não há alternativa par o capitalismo. Ela tem influenciado a vida cultural dos brasileiros através de uma incitação à aceitação da lógica do mercado. O que importa, então, é vencer nesta sociedade, tal como ela é, sem se entregar à fantasia delirante de pretender transformá-la. É nesta sociedade que o indivíduo precisa ser um vencedor, um *winner*; e precisa evitar a qualquer custo ser um derrotado, um perdedor, um *looser*.

As conseqüências dessa ideologia para a cultura são muito ruins. Os valores ligados à história da busca da verdade, da justiça e da beleza não são renovados, reinventados: são severamente danificados.



A desmistificação do eterno resulta na adaptação conformista ao reino do descartável. A referência tradicional às obras-primas é abandonada em proveito da consagração fugaz dos *bestsellers*. A consciência e a honradez passam a ser vendidas, a ter um preço. A crise dos valores éticos repercute negativamente na vida cultural, criando confusão no espírito dos produtores e difusores de cultura.

O panorama – fragmentário – aqui proposto tem o objetivo de nos fazer refletir sobre problemas que vem sendo criados na história da cultura brasileira por uma estrutura social acentuadamente conservadora. Um conservadorismo que pode ser rude, brutal, repressivo, como também pode ser sofisticado, sutil, liberal. Pode ter uma ação contundente ou uma ação emoliente.

Estamos, assim, diante de um desafio muito sério, que é o de enfrentar uma postura que amadureceu e foi longamente elaborada no passado nos chega extremamente fortalecida no presente: um conservadorismo que pode se encastelar nos bastiões da direita, pode vicejar nos partidos centristas e pode também, sem maiores dificuldades, se infiltrar em organizações de centro-esquerda ou de esquerda. Um conservadorismo que fala, com desenvoltura, a linguagem do “progresso” e é muito competente na arregimentação não só dos trouxas, mas também de muitos espertos.

Apesar da eficiência que conseguiram ter, os detentores do poder e da riqueza não se sentem inteiramente seguros e nós ainda dispomos de algumas possibilidades de incomodá-los. De fato, eles não suportam reivindicações e

protestos populares, e se escandalizam com manifestações de combatividade, tidas como atos de desrespeito às autoridades (embora achem natural que a massa do povo sofra passivamente – com infinita paciência – todas as privações).

Se conseguissem impor silêncio aos que protestam, os privilegiados achariam com certeza – incorrendo, é claro, num grande engano – que os de “baixo”, afinal, se conformaram com a desgraça que lhes é imposta e estão resignados.

É típico da ideologia das classes dominantes que elas tenham especial dificuldade para entender certa sabedoria que coexiste com os preconceitos e limitações na consciência das classes subalternas. Os de “baixo” não são imunes à ação deformadora da ideologia dominante, porém neles – como ensinava Gramsci – um certo “bom senso” pode sempre se desenvolver a partir do “senso comum”.

Um bom exemplo de manifestação dessa sabedoria dos de “baixo” pode ser visto numa historinha de um personagem do poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht: o Sr. Keuner. Com essa historinha, encerro hoje, aqui, a minha fala.<sup>3</sup>

O Sr. Keuner estava em casa quando sua residência foi invadida por um gigante prepotente, que lhe perguntou: “Queres servir-me?”. O Sr. Keuner passou a preparar comida para o invasor, fritou bolinhos de carne e queijo, cozinhou doces cremosos, assou pães enormes. Serviu-o durante dias, semanas, meses, até que o gigante teve uma embolia e morreu. O Sr. Keuner enrolou o cadáver do outro num tapete velho, jogou-o no lixo e lhe respondeu: “Não”.



## Notas

---

- <sup>1</sup> Ver: SCHWARZ, Roberto. *Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- <sup>2</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- <sup>3</sup> Ver: BRECHT, Bertolt. *Histórias de almanaque*. Lisboa: Edições Lisboa, s/d.